

**Os homicídios a partir de uma ótica por escolaridade: considerações para as grandes regiões do Brasil****Homicides from a school-based perspective: considerations for the large regions of Brazil**

DOI:10.34115/basrv4n6-030

Recebimento dos originais: 08/11/2020

Aceitação para publicação:02/12/2020

**Rúbia Silene Alegre Ferreira**

Doutora em Economia – Universidade Católica de Brasília (UCB)  
Centro Universitário do Norte – Uninorte  
Endereço:Av. Joaquim Nabuco, 3200, Centro – Manaus-Amazonas  
E-mail: rubia.alegre.ferreira@gmail.com

**Quezia Corrêa de Oliveira Sampaio**

Advogada - Universidade Paulista (Unip)  
Pedagoga - Universidade Federal do Amazonas (UFAM)  
Endereço:Rua Aurora, n 225 Condomínio Vinctori - Casa 01 Flores  
E-mail: queziapretty@hotmail.com

**James Barros Monteiro**

Bacharel em Direito (Uninorte). Especialista em Segurança Pública e inteligência Policial - Faculdade Literatus - UNICEL/AM  
Endereço:Rua Emiliano de Souza, 485, Jardim Mauá - Mauazinho, Manaus/AM  
E-mail: jamesmonteiro74@gmail.com

**Priscila Renata Jara Sevilla**

Graduanda em Direito - Centro Universitário do Norte (UNINORTE)  
Endereço:Av. André Araújo, 870, Aleixo - Manaus- Amazonas  
E-mail: prihsevilla@gmail.com

**Ingrides Leonel Araujo**

Pós-graduada em MBA em Gestão de Finanças, Controladoria e Auditoria  
Contadora (Universidade Federal do Amazonas) e Graduanda em Direito (Centro Universitário do Norte (Uninorte)  
Centro Universitário do Norte – Uninorte  
Endereço:Av. Joaquim Nabuco, 3200, Centro – Manaus-Amazonas  
E-mail: ingrides.leonel@hotmail.com

**Amanda Martins Pinheiro**

Advogada OAB/AM 14.056  
Endereço:Rua Neves da Fontoura, 115, Adrianópolis, Manaus-Amazonas  
E-mail: advmpinheiro.amanda@gmail.com

**RESUMO**

Este estudo faz uma discussão que correlaciona os homicídios com o grau de escolaridade nas 27 unidades da federação brasileira. Os dados são extraídos das Estatísticas Vitais do Datasus, considerando o período de 2000 a 2018. Assim, foram agrupados por grande região na intenção de facilitar o comparativo. São quatro as formas verificadas: em um primeiro momento, apresentam-se os homicídios ocorridos considerando o grau de instrução de 1 a 3 anos de escolaridade; em seguida de 4 a 7 anos; na terceira análise de 8 a 11 anos, e por fim, o grupo que observa os homicídios ligados à escolaridade com 12 anos ou mais de estudos. O estudo mostrou que à medida que a vida escolar se eleva, os valores brutos de homicídios se reduzem na linha de tempo estudada, conforme se verifica em todas as grandes regiões (tanto no quesito ensino médio, quanto superior). Assim, uma das significativas possibilidades de se ter redução nas elevadas taxas de homicídios seria a de que o Estado investisse fortemente em educação, desde a creche até às demais situações de capacitação que permitam ao indivíduo a opção (quando possível) de se manter afastado desta triste tipificação.

**Palavras-chave:** Homicídios, Escolaridade, Grandes Regiões.

**ABSTRACT**

This study makes a discussion that correlates homicides with the level of education in the 27 units of the Brazilian federation. The data are extracted from Datasus Vital Statistics, considering the period from 2000 to 2018. Thus, they were grouped by large region in order to facilitate the comparison. There are four verified forms: at first, homicides occurred considering the level of education of 1 to 3 years of schooling; then 4 to 7 years; in the third analysis from 8 to 11 years old, and finally, the group that observes homicides related to schooling with 12 years or more of studies. The study showed that as school life rises, the gross values of homicides decrease in the studied timeline, as seen in all major regions (both in high school and higher). Thus, one of the significant possibilities of reducing the high rates of homicide would be for the State to invest heavily in education, from day care to other training situations that allow the individual the option (when possible) to stay away from it. sad typification.

**Keywords:** Homicide, Schooling, Large Regions.

**1 INTRODUÇÃO**

A criminalidade é um problema social que afeta negativamente a qualidade de vida dos cidadãos, gerando custos econômicos e grandes perdas, principalmente, à vida humana. A maior parte das vítimas da violência são pessoas em idade economicamente ativa. Segundo os dados do Sistema Único de Saúde, no ano de 2010, aproximadamente 59% dos homicídios ocorreram com pessoas em idade entre 20 e 39 anos, segundo Becker e Kassouf (2017).

A educação é, desde a sua gênese, objetivos e funções, um fenômeno social, estando relacionada ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma determinada sociedade. O ato de educar é um processo constante na história de todas as sociedades, não é o mesmo em todos os tempos e lugares, e é, em sua essência, um processo social. Além disso, educação e sociedade se correlacionam porque a primeira exerce forte influência nas transformações ocorridas no âmago da segunda. A educação é, portanto, um processo social que se enquadra numa certa concepção de mundo, concepção esta que estabelece os fins a serem atingidos pelo processo educativo em concordância com as ideias dominantes

numa dada sociedade. A educação não pode ser entendida de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar, mas, sim, como uma prática social, situada historicamente, numa determinada realidade, (DIAS e PINTO, 2019).

O presente estudo faz uma discussão que correlaciona os homicídios com o grau de escolaridade nas 27 unidades da federação brasileira. Os dados são extraídos das Estatísticas Vitais do Datatus e foram agrupados por grande região na intenção de facilitar o comparativo. São quatro as formas verificadas: em um primeiro momento, apresentam-se os homicídios ocorridos considerando o grau de instrução de 1 a 3 anos de escolaridade; em seguida de 4 a 7 anos; na terceira análise de 8 a 11 anos, e por fim, o grupo que observa os homicídios ligados à escolaridade com 12 anos ou mais de estudos.

A estrutura do artigo está assim organizada, além desta introdução: na seção preliminares, faz-se um breve apanhado do discurso teórico relacionado aos homicídios e à violência. Na seção seguinte, segue-se para a discussão dos resultados e por fim, as considerações finais.

## **2 PRELIMINARES**

### **2.1 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE VIOLENCIA E HOMICÍDIOS**

O homicídio, consiste na destruição ilícita da vida de uma pessoa por outra. É o ato de matar alguém. O homicídio pode ser tanto doloso quanto culposos, (GUIMARÃES, 2004). O homicídio tem profundo significado social, não só porque interrompe a vida, direito mais elementar de todo cidadão, mas também por ser um reflexo dos problemas existentes na sociedade, relacionados tanto a variáveis macrossociais, como desigualdade, impunidade, corrupção, segundo Tavares (2016).

A tragédia da violência, entre outros fatores trás implicações na saúde, na dinâmica demográfica e por conseguinte, no processo de desenvolvimento econômico e social. De acordo com o Atlas da Violência (2018), um dado emblemático que caracteriza bem a questão é a participação do homicídio por causa da mortalidade na juventude masculina (15 a 29 anos) que em 2016 correspondeu a 50,3% do total de óbitos.

Os jovens, sobretudo os homens, seguem prematuramente perdendo suas vidas: no país, 33.590 jovens foram assassinados em 2016, sendo 94,6% do sexo masculino. Na região Norte, Acre (89,4%) e Amapá (39,7%) junto com outros estados apresentam crescimento elevado. Pará e Tocantins margearam entre 15% e 17%. O Amazonas situou-se entre os estados que obtiveram redução (ATLAS DA VIOLENCIA, 2018).

Segundo a WHO (2014), em todo o mundo, a violência é um dos contribuintes para as mortes, doenças e incapacitação, e de uma série de outras consequências sociais e de saúde. Pensando em forma de pirâmide, os casos de violência ocupam a segunda maior proporção, pois chegam ao conhecimento de autoridades da área de saúde, cujas vítimas recebem alguma forma de atendimento emergencial, médico-

legal ou outros cuidados. Em todos os lugares do mundo, embora os homens estejam desproporcionalmente representados entre as vítimas de mortes violentas e lesões físicas tratadas em unidades de emergência, mulheres e meninas, crianças e idosos arcam desproporcionalmente com o ônus de consequências não fatais de abusos físicos, sexuais e psicológicos e de negligência. Sofrem também inúmeras consequências dos atos violentos, sociais e para a saúde, as quais frequentemente se arrastam ao longo da vida e não são captados por estatísticas oficiais.

A violência contribui para precárias condições ao longo da vida, principalmente para mulheres e crianças. Todos os tipos de violência estão fortemente associados a consequências negativas para a saúde ao longo da vida. Mas a violência contra as mulheres e crianças contribui de forma desproporcional para prejuízos à saúde. Evidências disponíveis mostram que crianças vítimas de maus tratos e mulheres que sofreram violência sexual enfrentam mais problema de saúde, incorrem em gastos significativamente mais altos com atendimento de saúde, comparecem mais vezes aos serviços de saúde para consultas ao longo da vida e registram internações em hospitais – mais frequentemente – de maior duração, do que aquelas que não sofreram violência. Para a Instituição, as consequências da violência para o comportamento e a saúde são, pelo menos, (WHO, 2014):

- **Físicas:** lesões abdominais, lesões torácicas, lesões cerebrais, queimaduras, fraturas, lacerações, incapacitação etc.
- **Saúde mental e comportamentais:** consumo de álcool e drogas, depressão e ansiedade, transtorno de stress pós-traumático, distúrbios alimentares e do sono, déficit de atenção, hiperatividade, comportamento externalizador, tabagismo, ideações suicidas, comportamento suicida, sexo inseguro etc.
- **Saúde sexual e reprodutiva:** gravidez indesejada, complicações durante a gestação, abortos inseguros, distúrbios ginecológicos, síndromes dolorosas complexas, dor pélvica crônica, HIV, outras infecções sexualmente transmissível etc.
- **Doenças crônicas:** artrite e asma, câncer, distúrbios cardiovasculares, diabetes, problemas renais, doenças do fígado etc.

A violência não é um tema da área da saúde, conforme Minayo (2006), mas a afeta porque acarreta situações de traumas, lesões, mortes físicas e emocionais. Para entender o impacto da violência sobre a saúde deve-se localizar sua discussão no conjunto dos problemas que relaciona saúde, condições e estilo de vida. Na maioria dos países desenvolvidos há mais tempo e no Brasil, nos últimos 30 anos as enfermidades infecciosas vem cedendo lugar às doenças crônicas e degenerativas e aos agravos que dependem em grande parte das questões ambientais, dos avanços da ciência e da tecnologia do setor, sobretudo na área da biologia e também das intervenções e procedimentos médicos.

### 3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As mortes violentas no Brasil ao longo destas últimas décadas vêm assumindo proporções cada vez maiores, o que tem gerado um intenso debate nos mais variados setores da sociedade. Embora não seja um fenômeno exclusivo da sociedade brasileira, uma vez que ela atinge vários países com diferentes níveis de desenvolvimento, variando apenas de intensidade e padrão, muitos estudos têm se dedicado a este problema. O mapeamento das mortes por homicídios e a análise das características demográficas e sociais das vítimas são instrumentos relevantes para o monitoramento da conseqüente mortalidade. Estas informações podem contribuir para o planejamento de ações na área de segurança, no sentido de procurar minimizar esta questão que preocupa a todos, (MAIA, 1999).

Nesta seção do trabalho, faz-se a discussão que correlaciona os homicídios com o grau de escolaridade nas 27 unidades da federação brasileira. Os dados foram agrupados por grande região na intenção de facilitar o comparativo. São quatro as formas verificadas: em um primeiro momento, apresentam-se os homicídios ocorridos considerando o grau de instrução de 1 a 3 anos de escolaridade; em seguida de 4 a 7 anos; na terceira análise de 8 a 11 anos, e por fim, o grupo que observa os homicídios ligados à escolaridade com 12 anos ou mais de estudos.

#### **Homicídios relacionados a pessoas com escolaridade de 1 a 3 anos**

Na região Norte, os homicídios nesta categoria concentram-se nos estados do Pará, com distanciamento em larga escala dos demais, seguido pelo Amazonas (cerca de 50% mortes a menos que o primeiro) e Rondônia, que por períodos cruza com o Tocantins. No Nordeste a Bahia mostra-se como a unidade de federação com maiores volumes, seguida de Pernambuco, Maranhão e Ceará, ligeiramente afastados do Sergipe e Piauí.

De 2000 a 2007, o estado de São Paulo (figura 3) apresenta o maior quantitativo de homicídios no Sudeste, quando a partir deste ano cruza com o Rio de Janeiro. Minas Gerais e Espírito Santo são os que possuem as menores incidências. De igual modo, até o ano de 2007 no Sul do País, o estado do Paraná é o mais volumoso, com ligeiras variações a deste ano em diante. Rio Grande do Sul e Santa Catarinas ocupam as últimas posições.

No Centro Oeste do País, tem-se o estado do Mato Grosso ocupa a primeira posição, ocupada por Goiás a partir daí com distanciamento significativo, uma vez que em 2010 eram 541 homicídios, contra 1319, em 2016. Mato Grosso segue na segunda posição e Brasília que ocupava a última posição em 2010, supera o Mato Grosso do Sul.

Figura 1: Região Norte

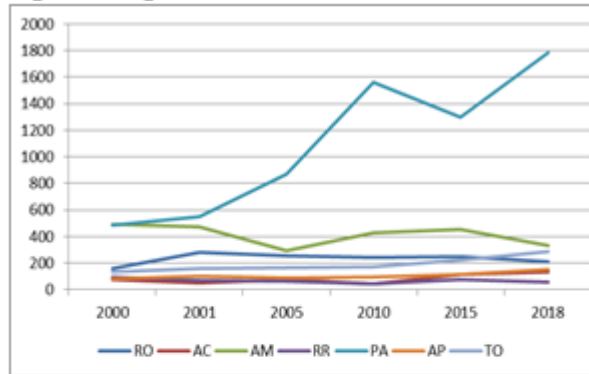


Figura 2: Região Nordeste

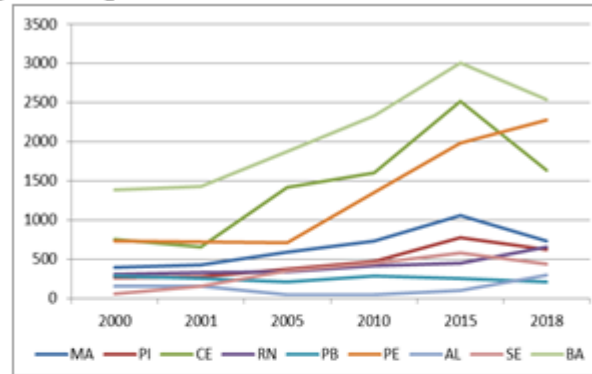


Figura 3: Região Sudeste

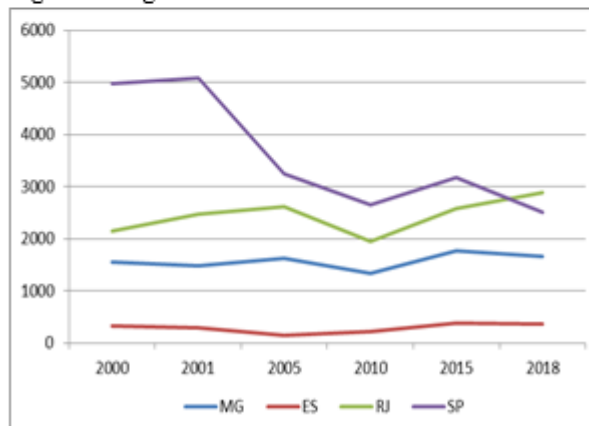


Figura 4: Região Sul

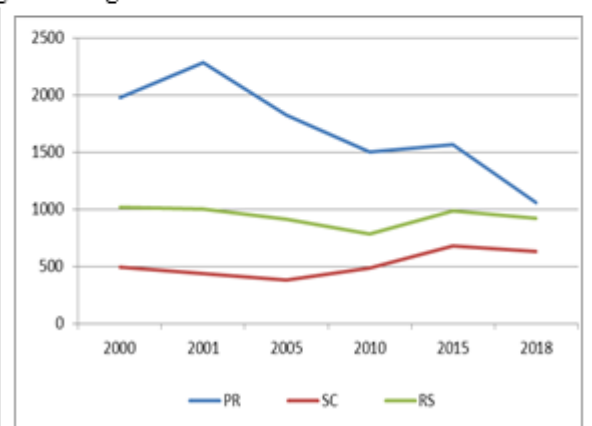
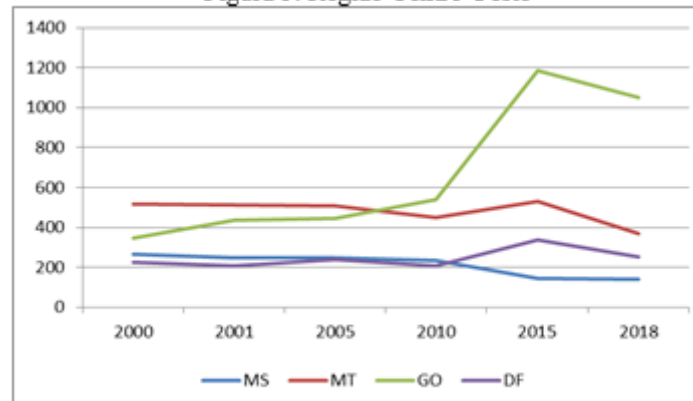


Figura 5: Região Centro Oeste



Fonte: Estatísticas Vitais / Datasus

### Homicídios relacionados a pessoas com escolaridade de 4 a 7 anos

Com uma escolaridade de 4 a 7 anos, o cidadão ainda encontra-se no ensino fundamental, o que corresponde a uma escolaridade baixa. Interessa observar que Pará e Amazonas (figura 1) e a Bahia (figura 2) em toda a série histórica mostram-se largamente elevados em homicídios com raras reduções, com Pernambuco e Ceará alternando-se em posições de 2006 a 2014.

Figura 6: Região Norte

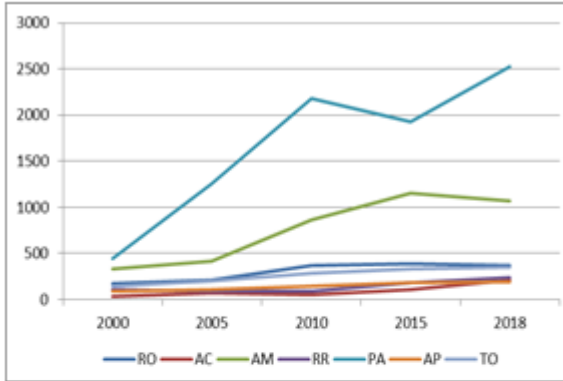


Figura 7: Região Nordeste

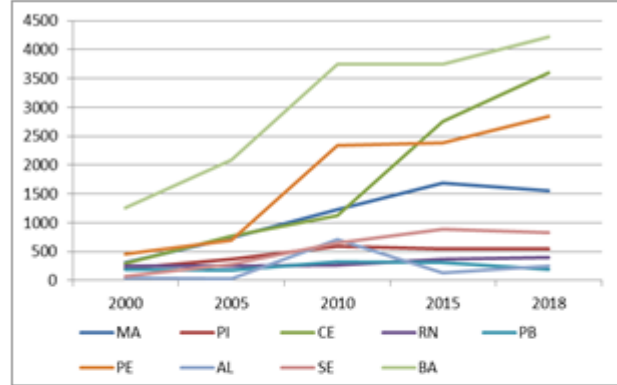


Figura 8: Região Sudeste

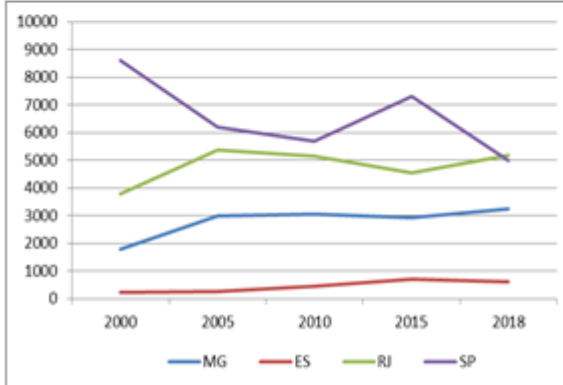


Figura 9: Região Sul

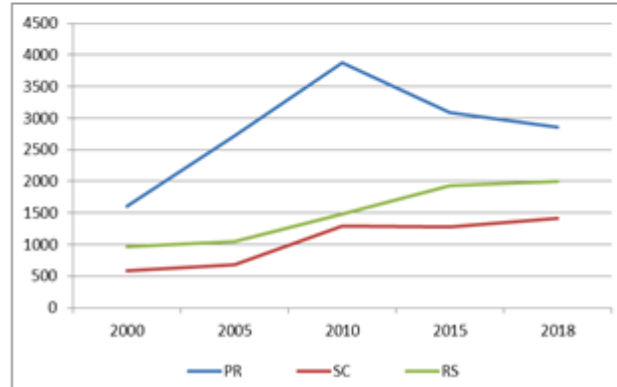
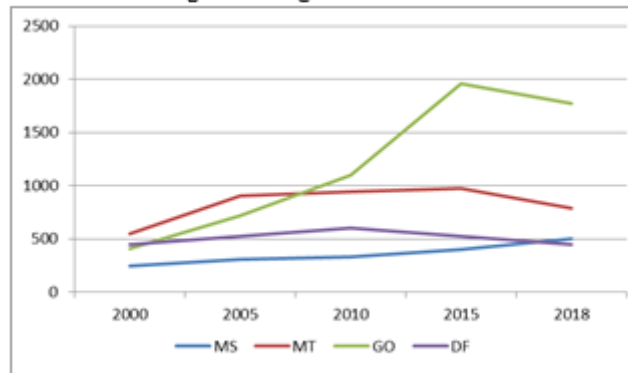


Figura 5: Região Centro Oeste



Fonte: Estatísticas Vitais / Datasus

Martins et al (2017) mostram que as características da alta das taxas de homicídios que se concentram em alguns municípios baianos e que aumentaram nos últimos anos, principalmente em cidades da Região Metropolitana de Salvador e em cidades de porte médio interioranas, mas com grande concentração urbana, como Itabuna, destacam a questão do risco e da vulnerabilidade que os jovens da periferia, geralmente negros, estão submetidos. Os dados mostram, também, que a maioria dos eventos foi praticada nas áreas periféricas das cidades.

São Paulo e Rio de Janeiro (figura 8) seguem liderando a mortalidade na região Sudeste no período analisado, destacando-se que a redução de mortalidade com este grau de escolaridade que é percebida a partir do ano 2000 e que se mantém até 2010, cresce novamente para o ano 2015, embora ligeiramente menor que no ano 2000, para o estado paulista. O Paraná e Rio Grande do Sul (figura 9) na região Sudeste de igual modo, lidera os índices de mortalidade com crescimento exponencial do ano 2000 a 2010, apresentando redução em 2015 e mantendo-se em 2018.

### **Homicídios relacionados a pessoas com escolaridade de 8 a 11 anos**

Um indivíduo tempo de estudo de 8 a 11 anos possui o ensino fundamental completo e ensino médio incompleto. Conforme Lei 9.394/1996:

Art. 21. A educação escolar compõe-se de: I – a educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão.

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos.

A mortalidade com a escolaridade em questão passa a apresentar redução. Ao se verificar o quantitativo para o estado do Pará considerando a escolaridade de 4 a 7 anos, a descida é equivalente a cerca de 900 homicídios a menos, no ano de 2015. O mesmo comportamento é visto no Amazonas, (figura 11). De forma similar, no Nordeste, (figura 12), a redução no estado mais violento Bahia, reduz de um nível de mais de 4.000 para menos de 2.500. Evidentemente, ainda são números altos, mas é indiscutível o fato de que alguns anos a mais de escolaridade apontam relação com menores atos fatais.

Exceções também se aplicam como é o caso do estado de São Paulo, onde a quantidade de homicídios ainda mostra altos números em 2018. No entanto para os anos alguns momentos a redução deste quantitativo é relevante: em 2015, por exemplo, foram 7.298 (com escolaridade de 4 a 7 anos) contra 5.290 (com instrução de 8 a 11 anos) no mesmo período. E isso se aplica às demais macro regiões.

A mortalidade com maior tempo de estudo passa a apresentar redução. Ao se verificar o quantitativo para o estado do Pará considerando a escolaridade de 4 a 7 anos, a descida é equivalente a cerca de 900 homicídios a menos, no ano de 2015. O mesmo comportamento é visto no Amazonas, (figura 11). De forma similar, no Nordeste, (figura 12), a redução no estado mais violento Bahia, reduz de um nível de mais de 4.000 para menos de 2.500. Evidentemente, ainda são números altos, mas é indiscutível o fato de que alguns anos a mais de escolaridade apontam relação com menores atos fatais.



Figura 11: Região Norte

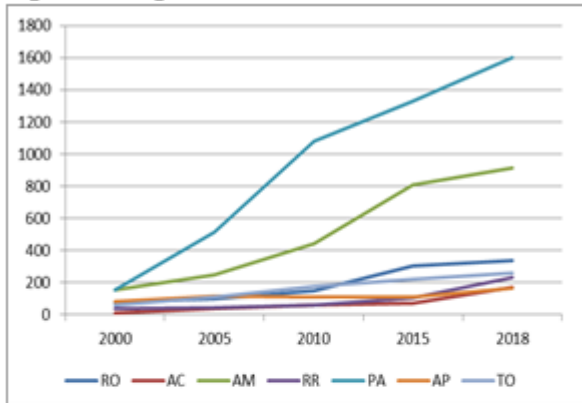


Figura 12: Região Nordeste

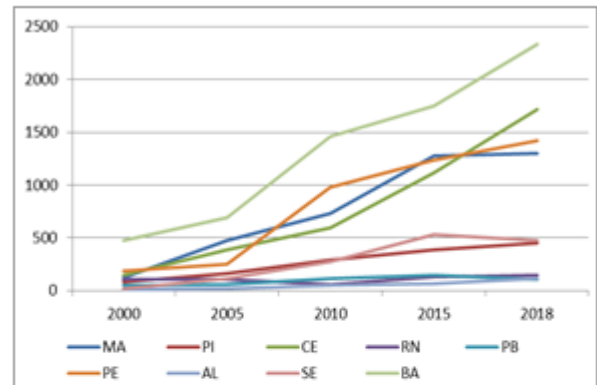


Figura 13: Região Sudeste

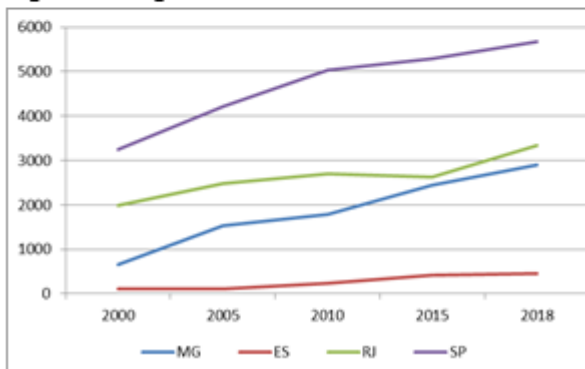


Figura 14: Região Sul

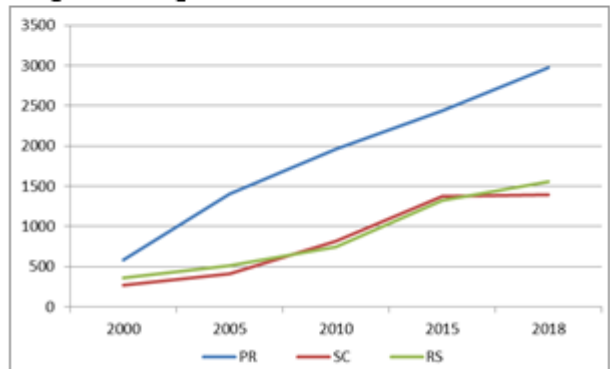
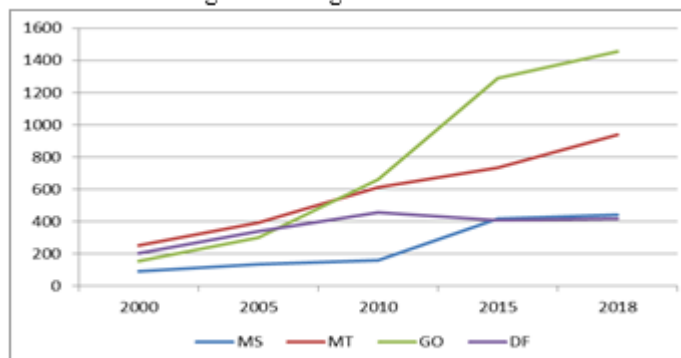


Figura 15: Região Centro Oeste



Fonte: Estatísticas Vitais / Datasus

Exceções também se aplicam como é o caso do estado de São Paulo, onde a quantidade de homicídios ainda mostra altos números em 2018. No entanto para os anos alguns momentos a redução deste quantitativo é relevante: em 2015, por exemplo, foram 7.298 (com escolaridade de 4 a 7 anos) contra 5.290 (com instrução de 8 a 11 anos) no mesmo período. E isso se aplica às demais macro regiões.

Sérgio Adorno (2019), trata da distribuição dos crimes nos territórios urbanos, problematizando a hipótese corrente no debate de que os homicídios estariam centralizados nos bairros com grande concentração de população de baixa renda e com infraestrutura urbana precária. O recorte geográfico foi

o estado de São Paulo, com destaque para a capital, no período compreendido de 1970 a 2016. Assim, a respeito das tendências gerais dos homicídios em São Paulo, o estudo observou que os volumes populacionais (densidade demográfica e crescimento populacional), a infraestrutura urbana (acesso a equipamentos públicos de educação, saúde, lazer e segurança), a condição de moradia (áreas de exclusão social) e as características acerca de gênero, idade e raça/ cor são elementos indispensáveis dos modelos explicativos do movimento dos homicídios.

### **Homicídios relacionados a pessoas com escolaridade acima de 12 anos de estudo**

À medida que se eleva o nível de instrução nota-se que os homicídios são reduzidos para três dígitos, com ligeiras exceções, conforme percebido nas figuras de 16, 17, 19 e 20. No caso da figura 18, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, são os que lideram em homicídios, com incidências de cerca de 1400 em 2010 e 1600 em 2018, para o primeiro. No caso do segundo, ligeiramente acima de 1000 em 2010 e acima de 800 em 2018.

Um dos resultados esperados da educação é o de que a reflexão a respeito à melhores formas de se viver. Uma população mais educada tem mais saúde e dentre outros fatores, faz escolhas relevantes para a condução da vida. Na economia, a teoria do capital humano faz significativas contribuições, uma vez que o investimento básico no ser humano se dá por meio da educação.

As pessoas valorizam as suas capacidades, tanto como produtores, quanto como consumidores, pelo investimento que fazem em si mesmas. Sendo a educação a melhor forma de se investir em capital humano, pois, enquanto o nível de bens de produção tem declinado em relação à renda, o capital humano tem aumentado. A caracterização da educação se dá por meio do “ensino” e do “aprendizado”, sendo que seu significado decorre da extração de algo potencial ou latente de uma pessoa, aperfeiçoando-a, moral e mentalmente, a fim de torná-la suscetível a escolhas individuais e sociais. Preparando-a para uma profissão, por meio de instrução sistemática e exercitando-a na formação de habilidades, (VIANA e LIMA, 2010; SHULTZ, 1964).

Em um apanhado tem-se que na região Norte, Pará, Amazonas, Rondônia e Tocantins apresentam as maiores incidências de homicídios; no Nordeste, Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão; no Sudeste, São Paulo é imbatível, seguido do Rio de Janeiro e de Minas Gerais; No Sul do País, o estado do Paraná ocupa a primeira posição com Santa Catarina e Rio Grande do Sul entrecruzando-se em dados períodos. No Centro Oeste, por fim, a menor posição é a do Mato Grosso do Sul, com as demais unidades de federação com quantitativos próximos a partir de 2005.

Figura 16: Região Norte

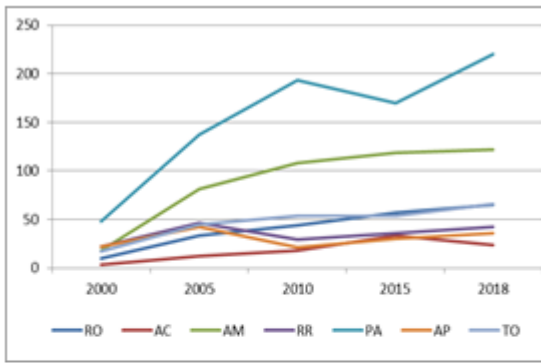


Figura 17: Região Nordeste

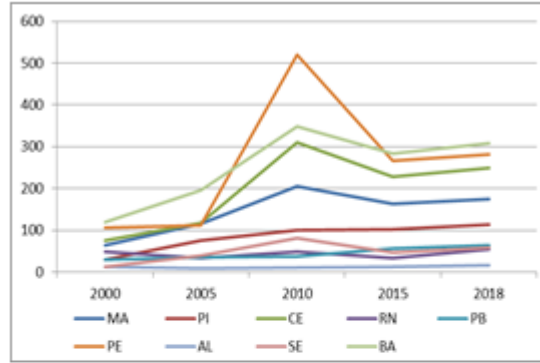


Figura 18: Região Sudeste

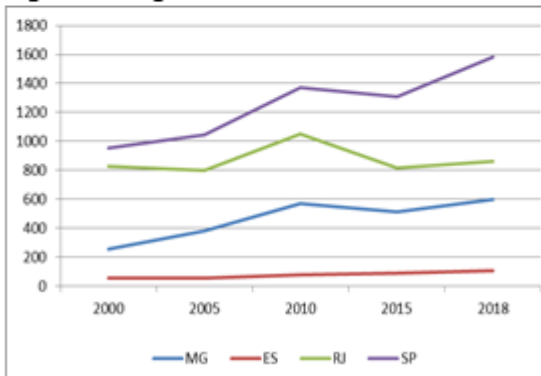


Figura 19: Região Sul

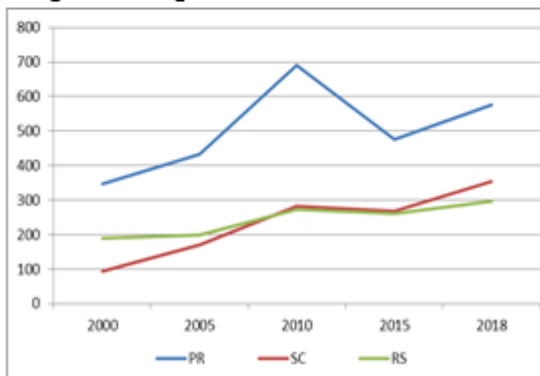
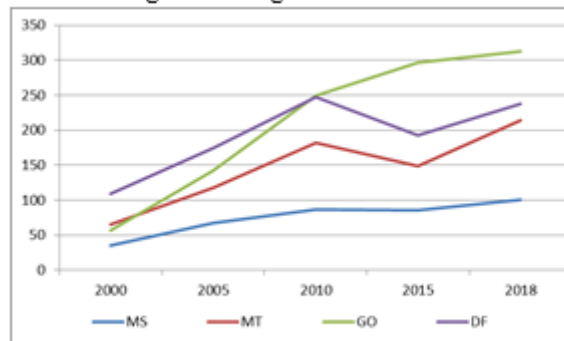


Figura 20: Região Centro Oeste



Fonte: Estatísticas Vitais / Datasus

A literatura tem apontado para uma relação inversa entre a mortalidade e a escolaridade, ou seja, quanto maior a escolaridade menor é o risco de o indivíduo morrer. Além disso, há evidências de que esses gradientes persistem em todas as idades, são maiores entre os homens, diminuem com a idade e sua magnitude difere entre as grandes regiões do país, (SILVA JUNIOR, 2018). E de fato, é esperado que na medida em que se eleva a escolaridade, a ocorrência de homicídios seja menor, conforme demonstram ainda os últimos dados analisados para as unidades de federação do País.

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo fez uma discussão que correlaciona os homicídios com o grau de escolaridade nas 27 unidades da federação brasileira, agrupando-se por grande região na intenção de facilitar o comparativo. Assim se considerou em um primeiro momento, os homicídios ocorridos em grau de instrução de 1 a 3 anos de escolaridade; em seguida de 4 a 7 anos; na terceira análise de 8 a 11 anos, e por fim, o grupo que observa os homicídios ligados à escolaridade com 12 anos ou mais de estudos.

Observou-se que de 2000 a 2018 os homicídios seguem uma tendência de crescimento relacionada aos milhares em todas as grandes regiões brasileiras para aqueles com escolaridade baixa (com 1 a 3 anos de estudo). Para as pessoas com vida escolar de 4 a 7 anos de idade (ensino fundamental incompleto), Pará, Amazonas e Bahia, seguem com elevada participação nos homicídios. No entanto, São Paulo e Paraná são os líderes nesta lista, com participações volumosas. No Centro Oeste, é o estado de Goiás que apresenta-se como o líder na categoria.

O estudo mostrou que à medida que a vida escolar se eleva, os valores brutos de homicídios se reduzem na linha de tempo estudada, conforme se verifica em todas as grandes regiões (no quesito ensino médio). Para os envolvidos com o ensino superior (pessoas com mais de 12 anos de estudo) esse caso se reduz para três dígitos em quatro grandes regiões, com exceção da região Sudeste, a mais populosa.

Quando se vê os homicídios por meio da escolaridade, com base nos resultados obtidos nesta pesquisa, pensa-se que uma das significativas possibilidades de se ter redução nas elevadas taxas, seria a de que o Estado investisse fortemente em educação, desde a creche até às demais situações de capacitação que permitam ao indivíduo a opção (quando possível) de se manter afastado desta triste tipificação.

**REFERÊNCIAS**

ADORNO, S. Como explicar a distribuição espacial dos homicídios em São Paulo? [online]. *SciELO em Perspectiva: Humanas*, 2019 [viewed 15 November 2020]. Available from: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2019/08/27/como-explicar-a-distribuicao-espacial-dos-homicidios-em-sao-paulo/>.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2018. Principais Resultados. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília.

BECKER, Kalinca Léia; KASSOUF, Ana Lúcia. Uma análise do efeito dos gastos públicos em educação sobre a criminalidade no Brasil. *Econ. soc.*, Campinas, v. 26, n. 1, pág. 215-242, abril de 2017.

Brasil. Ministério da Saúde (MS). Secretaria Executiva. DATASUS. [acessado 2015 abr 1]. Disponível em: [www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br)

GONZALEZ-PEREZ GJ, VEGA-LOPEZ MG, CABRERA-PIVARAL CE, VEGA-LOPEZ A, Muñoz de La Torre A. Mortalidad por homicidios en México: tendencias, variaciones socio-geográficas y factores asociados. *Cien Saude Colet* 2012; 17(12):3195-3208.

MAIA, Paulo B. Vinte anos de homicídios no estado de São Paulo. *São Paulo Perspec.* vol.13 no.4 São Paulo Oct./Dec. 1999.

MARTINS, R., PAULO, F., and MURILHO, E. As “juventudes” vítimas de homicídios: a clivagem etária, raça/cor e sexo na composição das mortes em Pernambuco e na Bahia, em determinado recorte temporal. In: SANTOS, A. R., OLIVEIRA, J. M. S., and COELHO, L. A., orgs. *Educação e sua diversidade* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 74-90.

MINAYO, MCS. *Violência e saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Temas em Saúde collection. 132 p. ISBN 978-85-7541-380-7.

SCHULTZ, T. W. O valor econômico da educação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

SILVA JÚNIOR, Walter Pedro. Diferenciais regionais na mortalidade adulta por escolaridade no Brasil em 2010. 2018. 110f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SILVA JÚNIOR, Walter Pedro. Diferenciais regionais na mortalidade adulta por escolaridade no Brasil em 2010. 2018. 110f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

TAVARES, Ricardo et al. Homicídios e vulnerabilidade social. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, pág. 923-934, março de 2016.

United Nations Office on Drugs And Crime (UNODC). *Global Study on Homicide Trends*. Viena: UNODC; 2011.

VIANA, Giomar; LIMA, Jandir Ferrera de. Capital humano e crescimento econômico. *INTERAÇÕES*, Campo Grande, v. 11, n. 2 p. 137-148, jul./dez. 2010

World Health Organization 2014. World report on violence and health (Relatório Mundial sobre violência e saúde). Geneva. ISBN 92 4 154561 5.